



Revolta

O Levante
Mundial Contra a
Globalização

Nadav Eyal



ALTA BOOKS

GRUPO EDITORIAL

Rio de Janeiro, 2023

Sumário

AGRADECIMENTOS	XI
INTRODUÇÃO A Morte de uma Era	1
CAPÍTULO 1 Ataque a um Jornal	17
CAPÍTULO 2 Banho Duas Vezes por Mês	37
CAPÍTULO 3 As Guerras da Globalização	57
CAPÍTULO 4 A Terra dos Últimos Elefantes	83
CAPÍTULO 5 “Nós Nos Recusamos a Morrer”	101
CAPÍTULO 6 Os Arautos da Rebelião	121
CAPÍTULO 7 Conversando com Nacionalistas	147
CAPÍTULO 8 Um Renascimento Nazista	167
CAPÍTULO 9 As Rebeliões da Classe Média	183
CAPÍTULO 10 Anarquistas com Ferraris	203
CAPÍTULO 11 O Desaparecimento das Crianças	223



CAPÍTULO 12	“A Humanidade É o <i>Titanic</i> ”	241
CAPÍTULO 13	As Faces do Êxodo	263
CAPÍTULO 14	Um Experimento e Seus Custos	279
CAPÍTULO 15	Rios de Sangue	299
CAPÍTULO 16	Com a Palavra, um Súdito do Império	321
CAPÍTULO 17	“Minha Mãe Foi Assassinada Aqui”	343
CAPÍTULO 18	O Antiglobalizador	363
CAPÍTULO 19	A Implosão da Verdade	385
CAPÍTULO 20	A Batalha pelo Progresso	413
CAPÍTULO 21	Uma Nova História	437
NOTAS		453
ÍNDICE		509



Ataque a um Jornal

Certa vez, acredito que acabei contribuindo para um ataque realizado por dezenas de homens armados contra um jornal paquistanês. Algo que não conseguiria prever e certamente nunca desejei. Não conhecia nem os agressores nem as vítimas; na verdade, nunca estive na redação do jornal. Paquistão e Israel, onde moro, não têm relações diplomáticas. Porém, em um mundo globalizado, o que uma pessoa faz em um país pode ter consequências terríveis, e até avassaladoras, para aqueles que moram longe. Às vezes elas são mais nefastas do que qualquer resultado esperado.

Em 2004, conheci Ammara Durrani, na época editora sênior do Jang Media Group do Paquistão e redatora do maior jornal de língua inglesa do país, o *News International*. Integrávamos um grupo de jornalistas que viajou até os Estados Unidos para um extenso programa financiado pelo Departamento de Estado, a convite de uma das estações de rádio públicas mais conhecidas do país, a WBUR, de Boston. Os organizadores da rádio tiveram, em sua opinião, uma ideia brilhante. Eles reuniriam tribos hostis, israelenses e palestinos, indianos e paquistaneses. O foco do programa era o papel da mídia em conflitos, um jeito educado de dizer que os jornalistas alimentam a fogueira dos conflitos e inflamam

a opinião pública, e que talvez fosse melhor que não o fizessem. O governo Bush estava interessado em projetos desse tipo porque, em meio à guerra contra o terror e à ocupação do Iraque, ele precisava da fumaça do incentivo ao diálogo entre grupos hostis como demonstração de seu comprometimento em resolver conflitos internacionais por meios pacíficos. Os organizadores podem até ter acreditado que israelenses e palestinos pudessem, a milhares de quilômetros de casa e na vigência de um conflito paralelo no subcontinente indiano, ser capazes de chegar a um denominador comum. Era uma esperança vã. Ao dividir uma sala com estrangeiros, eles se entrincheiraram em suas posições tradicionais. Assim como os paquistaneses e indianos. Todavia, desse encontro emergiram algumas amizades interculturais excepcionais. Todos se deram bem com Durrani. Ela é a típica egressa de Oxford, fala inglês fluente de uma maneira séria e polida. Todos os representantes do Oriente Médio, fossem israelenses, fossem palestinos, a invejaram.

Seu passaporte, tal como todos os emitidos por seu país, especificava que era válido para viagens a todos os países, exceto Israel. Há uma longa tradição de hostilidade latente entre o Estado judeu e a República Islâmica do Paquistão. Remonta ao nascimento de ambas as nações, com um ano de diferença, quando a Grã-Bretanha se despiu de seu império. Apesar e, na verdade, por causa disso, Durrani e eu mantivemos contato por e-mail após o seminário nos Estados Unidos. Em 2005, ela começou a trabalhar em um artigo minucioso sobre as relações não oficiais entre os dois países e a possibilidade de que pudessem ser promovidas a um reconhecimento diplomático pleno. Ela me escreveu dizendo que adoraria entrevistar o primeiro-ministro Ariel Sharon para o artigo. Minha opinião foi de que não seria fácil convencê-lo a conceder uma entrevista. Mas sugeri que, se ela quisesse, eu poderia conseguir

uma entrevista com o vice-primeiro-ministro Shimon Peres, a quem conhecia bem. Durrani aproveitou a oportunidade. Peres, ex-primeiro-ministro e vencedor do Prêmio Nobel, não era um personagem menos internacional do que Sharon — na verdade, provavelmente era ainda mais conhecido. Mas havia um problema. Ela me contou que, devido à hostilidade entre os dois países, não poderia fazer um telefonema de Karachi para Jerusalém. Como não havia Skype e outros serviços do tipo em 2005, propus que ela enviasse suas perguntas por e-mail. Eu me encarregaria de arranjar uma entrevista por intermédio do assessor de imprensa de Peres. Eu seria fiel às perguntas enviadas, gravaria as respostas e depois as transcreveria e enviaria de volta para ela.

O gabinete de Peres estava entusiasmado com a perspectiva de que eu o entrevistasse para um importante jornal paquistanês, e o próprio Peres ficava sempre muito satisfeito de propagar seu incansável otimismo político. O resultado foi que certo dia, em meados de janeiro de 2005, sentei-me frente a frente com Peres na mesa da lanchonete do Knesset [o parlamento de Israel] e, em vez de simplesmente tentar obter informações, como de costume, sobre a possibilidade de ele recuperar a liderança do Partido Trabalhista — um assunto rotineiro do tipo que lido diariamente em minhas reportagens políticas —, eu o entrevistei para um jornal paquistanês, acrescentando algumas perguntas por conta própria. Transcrevi suas respostas e as enviei para uma exultante Ammara Durrani, que, por sua vez, escreveu o artigo para o *News International*.

Quatorze anos depois, os dois países ainda não tinham relações oficiais, mas Ammara Durrani e eu já conseguíamos fazer videochamadas entre Karachi e Tel Aviv, recordando a entrevista e suas consequências. Ela me confessou que, na época, não tinha sido totalmente sincera sobre seus sentimentos.

“Eu estava com medo”, disse. “Era a primeira vez que um oficial israelense de alto escalão fazia uma declaração para uma agência de notícias paquistanesa. Como era algo inédito, eu estava apavorada e esperava um impacto negativo, e gigantesco. O que realmente me deu confiança foi o apoio de meus editores — ouvi um imediato ‘Sim, vamos fazer.’” E foi o que fizeram. A entrevista estampou a primeira página, seguida do artigo de quatro páginas de Durrani sobre as relações entre os dois países, citando autoridades de Israel, dos Estados Unidos e do Paquistão.

A manchete dizia: “Peres: ‘Se o Paquistão e a Índia Conseguem, Israel e Paquistão Também.’” O subtítulo era: “Peres Diz que a Paz Não É Vergonha; Se o Paquistão Quiser Integrar o Processo de Paz do Oriente Médio, Não Poderá Fazê-lo com um ‘Controle Remoto.’”

A matéria não levou à paz nem às relações diplomáticas. Um dia após a publicação, na calada da noite, cerca de trinta homens armados, montados em motocicletas, chegaram ao escritório central do Jang Media Group. Dispararam suas armas a esmo, dominaram e surraram os seguranças, invadiram os escritórios do editorial, vandalizaram a sala de redação e tentaram incendiar tudo. Felizmente, ninguém morreu. Eles partiram gritando “Allahu Akbar!”. Ficou claro para todos no Paquistão que o ataque fora uma resposta direta à entrevista. Não necessariamente uma reação às palavras de Peres, mas simplesmente ao precedente criado — uma grande e renomada agência de notícias paquistanesa publicando uma entrevista com uma autoridade israelense clamando pela paz entre os dois países. O ataque foi repercutido pelas agências de notícias internacionais, como a Reuters, principalmente por causa desse contexto. O governo paquistanês condenou o ataque, assim como a Repórteres Sem Fronteiras. Fechando o

círculo, o ataque também foi noticiado em Israel, onde ocorreu a entrevista que serviu de estopim para o incidente. Notícias gerando notícias.

Vamos analisar em detalhes o que aconteceu nesse episódio.

Dois jornalistas que cresceram em dois cantos distantes de um grande continente se encontraram em um curso patrocinado pelo governo de um país em um continente do outro lado do mundo, uma superpotência tentando reforçar sua posição como intermediadora de conflitos em andamento ao redor do globo — ao mesmo tempo que ela própria ocupa uma grande faixa do Oriente Médio. Os países dos jornalistas eram inimigos, mas os dois podiam se comunicar livremente graças à tecnologia que elimina a imensa distância e rompe as barreiras diplomáticas e políticas entre eles. Extremistas reagiram — com violência — a uma entrevista que sinalizava a possibilidade de paz e conciliação. O ataque foi noticiado no mundo todo, retornando a Israel na forma de notícia.

Todo esse incidente, do início ao fim, aconteceu em um intervalo de poucos dias. É uma história sobre as conexões humanas, a natureza viral das ideias, o desafio tecnológico à política tacanha e conservadora, o fundamentalismo, o papel da mídia. É uma história, é claro, sobre os interesses capitalistas, neste caso, a necessidade de uma manchete chamativa para vender jornais. Este último fator é o principal gerador de toda a sequência de eventos. O desfecho violento da história demonstra como essas interações supranacionais representam uma ameaça às estruturas de poder, tradições e crenças locais. Adversários não observarão calados, e nem devem. Eles estão se rebelando.

Somente três anos depois ficou claro que isso não acontece apenas em países como o Paquistão. Acontece em todo lugar, de diferentes maneiras e por meios distintos. Pude testemu-

nhar isso durante uma estada em Londres, quando o mundo inteiro mergulhou em sua mais séria crise financeira desde a Grande Depressão.

UM PEDESTRE EM LONDRES SE VÊ ALIENADO AO TEMPO E CADA VEZ mais absorto em sua própria agenda. Olhos sorvem a rua, sua intensidade, sedimentos da humanidade depositados e mineralizados por séculos. A diversidade humana é tão típica de Londres hoje em dia e tão arraigada na história britânica que se pode imaginar que todas essas pessoas a aceitam como natural. Não é verdade. Muitas pessoas nas ruas sentem um profundo sentimento de alienação, de viver em meio a estranhos. É um sentimento que, ao mesmo tempo, desconcerta e estimula a cidade. Quase 40% dos londrinos nasceram fora da Grã-Bretanha, a maioria fora da União Europeia. Trezentos dialetos são falados na metrópole. A alienação está enraizada em sua atual identidade.

Eu era um estranho em meio a mútuos estranhos. Minha mulher e eu precisávamos de uma pausa da corrida de obstáculos que eram nossas carreiras em Israel. Queríamos experimentar a vida em um lugar diferente, então decidimos fazer pós-graduação longe de casa. Nova York, Londres, Paris, Washington — a verdade é que não importava onde. Viemos de uma província distante e, para nós, qualquer uma dessas cidades era o centro do Universo, maravilhosamente estrangeira e fascinante.

Meu trajeto até a universidade era sempre o mesmo. Eu caminhava pelas ruas que contornavam o Bloomsbury até chegar a Theobalds Road e, então, ao meu lugar favorito. Era um tipo de viela, estreita e com aparência antiga, que se afastava da rua principal. Cheirando à fritura, a viela era salpicada por um velho pub e alguns cafés que ofereciam sanduíches insípidos. Imaginei-a tomada de ratos carregando

a Peste Negra e pessoas despejando seus dejetos nas ruas. Suas paredes imundas e incrustadas exalavam sua história. A cidade moderna transformara essa pequena passagem em um lugar quase exótico que fervilhava com o trânsito intenso de pessoas, os passos apressados dos engravatados na hora do rush matinal.

No fim da via, depois de um pequeno parque, eu chegava ao aglomerado de prédios que compunham o campus urbano da London School of Economics and Political Science (LSE), não muito distante da estação Holborn e do British Museum. Não era como Oxford ou Cambridge — em vez de jardins verdejantes e ciclovias, havia a agitação de uma cidade ambiciosa ocupada com seus próprios afazeres.

Era setembro de 2007, e o mundo era mais ou menos coerente, apesar de profundamente polarizado entre a ideologia do governo Bush e a comunidade internacional. Ouvidos mais sensíveis foram capazes de ouvir quando o trem bala da mudança partiu, que os dormentes dos trilhos construídos pela era anterior davam seu último suspiro. Mas foram poucos que compreenderam o significado profundo dos ataques de 11 de setembro de 2001 e suas consequências. Eu e meus colegas do programa da LSE fomos designados para estudar política global, abrangendo a governança global, os desafios enfrentados por instituições econômicas como o Banco Mundial, o comércio internacional, a política de taxas de juros, o pós-imperialismo, a igualdade de direitos, o crescimento da desigualdade econômica internacional e a política de imigração.

Vindo de um pequeno país no Oriente Médio e tendo dedicado a maior parte do meu tempo à sua turbulenta política, eu não tinha a mesma expertise que meus colegas em assuntos como política de comércio internacional ou investimento estrangeiro direto. Entretanto, ao contrário dos demais, eu

era jornalista. Já havia coberto campanhas eleitorais, visto primeiros-ministros irromperem em fúria ao se deparar com perguntas especulativas. Cobri a Segunda Guerra do Líbano, correndo em busca de abrigo em meio à chuva de mísseis no Norte de Israel, e estive no Salão Oval para cobrir visitas oficiais. Essa era minha bagagem. Em outras palavras, tal como qualquer repórter em apuros, eu conseguiria compensar a falta de conhecimento com histórias — o episódio do jornal paquistanês, por exemplo. Mas minha bagagem, assim como a dos outros estudantes, logo se provaria bem pouco pertinente. Apenas alguns meses depois, no meio de nossos estudos, a globalização enfrentaria sua pior crise desde a Grande Depressão, e a política internacional começaria a mudar e desafiar as suposições sobre as quais toda a ordem mundial fora construída.

Esse movimento tectônico na economia e na política internacionais não estava, é claro, em nossos pesados livros de referência ou nas aulas a que assistíamos, elaboradas e ministradas antes da crise. Apenas as abordagens mais radicais no plano de ensino tratavam, de alguma maneira, dos acontecimentos avassaladores que aniquilaram a confiança dos especialistas.

No final de 2007, o Federal Reserve, o banco central dos Estados Unidos, percebeu que uma crise de liquidez era iminente devido à inadimplência nos financiamentos imobiliários oriundos de títulos subprime, que levaram ao colapso do mercado de derivativos baseados nesses créditos hipotecários. Os Estados Unidos logo enfrentaram uma crise financeira em larga escala. No início de 2008, o governo Bush tentou combatê-la com um pacote de incentivo, mas não adiantou. Então, entre a primavera e o outono daquele ano, gigantes norte-americanas, como o Bear Stearns e o Lehman Brothers,

começaram a falir. Exatamente as instituições financeiras nas quais meus colegas de classe esperavam trabalhar.

Foi uma daquelas situações em que nossos livros se tornavam obsoletos conforme os líamos, suas teorias eram invalidadas assim que submetidas à prova prática. À medida que a crise dismantelava modelos e refutava as opiniões dos especialistas, fomos forçados a questionar muito do que pensávamos ser indiscutível. Nascidos nos anos 1980 ou no início dos anos 1990, meus colegas de turma e eu crescemos em um mundo de progressiva interconectividade, que muda em ritmo exponencial. Parecia óbvio que o mundo inteiro se tornaria mais integrado em uma única ordem e economia, e que isso traria mais prosperidade a todos. Mas então a falsa premissa da inevitabilidade da globalização ruiu.

Uma Revolução Constante

Ao longo da última década, a globalização perdeu grande parte de sua atratividade. Em relação ao PIB mundial, os dados em si apontam para um encolhimento ou estagnação do mercado internacional, do investimento transfronteiriço e dos empréstimos bancários, um fenômeno que o *Economist* chama de *slowbalisation*, mistura das palavras lenta e globalização, em inglês. Sem dúvidas, a grande crise econômica minou as premissas fundamentais da globalização. Talvez as pessoas simplesmente tenham se cansado das profecias otimistas de um mundo globalizado que subestimaram perigosamente o lado sombrio da força.

No entanto, a inconstância do discurso popular não é capaz de mudar a dura realidade de que a globalização é uma revolução constante. Eu uso a palavra “constante” para denotar a agressividade com que a globalização vem mudando,

de maneira contínua e intensa, o modo de vida das pessoas desde tempos remotos. Ela criou uma atmosfera em que os seres humanos precisam cooperar com o mundo, material e conceitualmente, como um lugar único e integral. No instante em que essa matrix entrou em vigor, as circunstâncias de nossas vidas mudaram constante e radicalmente. Ela é uma máquina política de movimento perpétuo alimentada pela energia resultante da crescente tensão entre o local e o global.

O vai e vem da globalização molda o cenário internacional, e continuará a fazê-lo pelo futuro previsível. A globalização expressa uma incerteza fundamental que tem permeado a história desde as eras dos impérios chinês e romano até hoje. Será que o mundo está se fundindo em um todo único ou é uma coleção de comunidades apartadas?

À medida que surgem os desafios globais, a globalização em sua definição mais ampla se tornou o problema central de nossa era. A história não terminou com o reinado incontestado da democracia liberal, como previsto por Francis Fukuyama em *O Fim da História e o Último Homem*, nem se deteriorou em um conflito de civilizações permanente, como Samuel P. Huntington afirmou em *O Choque de Civilizações*. Mas agora estamos aprisionados em uma batalha ferrenha em torno de uma questão mais antiga: até que ponto os seres humanos estão destinados a viver, essencialmente, em um mundo consolidado, um cosmos em que os valores básicos são universais e as comunidades locais se fundem em uma economia supranacional? Essa é, e sempre foi, a verdadeira pergunta. A globalização e a resistência a ela são respostas a essa pergunta. Convenientemente, um número crescente de líderes e movimentos políticos de hoje — incluindo Recep Tayyip Erdoğan, da Turquia; Emmanuel Macron, da França; e Donald Trump, dos Estados Unidos — baseou partes cru-

ciais de suas políticas em sua hostilidade ou simpatia pela globalização e pelos valores atribuídos a ela.

Para a corrente dominante de economistas, a globalização guarda a promessa do fim da pobreza; para fazendeiros franceses, é uma infecção maligna que ameaça destruir comunidades e até meios de subsistência. Nem as epidemias de gripe nem o mercado competitivo dos smartphones na Ásia podem ser compreendidos sem que se entenda como a globalização funciona. Ela se tornou tão difundida que é tudo ou nada, apenas um clichê sem sentido. Mas é fundamentalmente clara como conceito — ela significa uma rede cada vez mais intrincada de inter-relações entre tudo e todos.

O resultado é uma crescente integração, o produto inevitável do comércio internacional que requer e cria o fluxo de capital, trabalho, conhecimento, cultura e tecnologia entre nações industrializadas. Hoje, os seres humanos são atlas virtuais ambulantes, adornados com roupas e acessórios que carregam a marca dos países de todo o globo.

Pense em uma cristaleira, um móvel que alguns associam à casa dos avós. Ela exibe, atrás de espessas portas de vidro, os objetos mais preciosos da família, como a porcelana, que pode ter vindo da China. Talvez uma estatueta de leão vinda do Irã. Candelabros de prata fabricados na Inglaterra ou na Alemanha. As pessoas sempre gostaram de ter itens vindos de lugares remotos. Quanto mais ricas, mais desses objetos elas colecionam. O transporte e o comércio de longa distância era sempre arriscado, fosse a viagem por terra ou pelo mar. Por essa razão, o custo dos itens de lugares distantes computava esses riscos, o que significa que o preço era alto. Essas mercadorias, como folhas de chá, tecidos, porcelanas e determinados temperos, em geral vindas do Extremo Oriente, eram chamadas de “exóticas” e, assim, especialmente valori-

zadas. Um item exótico era também um emblema dos tênues laços entre as culturas. Hoje não poderia ser mais diferente. A cristaleira da família foi esvaziada e abandonada. Se tivéssemos uma hoje, seria muito mais apropriado, no Norte global, usá-la para expor bugigangas produzidas localmente, que em geral são mais caras do que as importadas. As relações entre lugares distantes não são mais tênues — são amplas, profundas e intensas.

Cada um de nós veste ou usa produtos que contêm componentes e design vindos de dezenas de países em diferentes continentes, de lentes de óculos a bijuterias e marca-passos. Em nossos corpos, carregamos os dramas e as oportunidades de lugares distantes e de pessoas que nunca conheceremos.

Revolução Emancipatória

A globalização não é apenas autoperpetuante — ela também oferece oportunidades que a tornam emancipadora. O avanço supremo de nossa era é que, desde 1990, mais de 1 bilhão de pessoas saíram da mais profunda miséria.¹ Nunca tantas passaram tão rapidamente da constante batalha pela própria sobrevivência para uma vida de oportunidades, por mais modesta que fosse. Em 2000, a ONU determinou para si mesma “um objetivo de desenvolvimento do milênio”: reduzir pela metade a extrema pobreza, definida pelo Banco Mundial como aqueles que vivem com menos de US\$1,25 por dia. O objetivo deveria ser alcançado até 2015; na verdade, foi atingido cinco anos antes do prazo. Muitos daqueles que escaparam da pobreza desesperadora vivem na Índia e na China, mas outros países também se beneficiaram — Vietnã, Etiópia, Ruanda e Bangladesh são os principais exemplos. A extrema pobreza geralmente é medida por renda diária ou consumo per capita, mas outros indicadores ilustram a melhoria na existência ma-